

**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

ANA LUÍZA REIS DE SÁ SANTOS
YASMIN DIAS DO NASCIMENTO

DOCUMENTÁRIO: *O MUNDO FOI MINHA MÃE QUEM FEZ*

Goiás/GO
2021

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Ana Luíza Reis de Sá Santos

Matrícula: 201600070210

Título do Trabalho: Documentário: O mundo foi minha mãe quem fez

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiânia, 01 de fevereiro de 2022.



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Yosmin Wlles do Nascimento

Matrícula: 20161100070121

Título do Trabalho: O mundo foi minha mãe quem fez

Autorização - Marque uma das opções

- ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
- ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiânia, 03/01/22
Local Data

Yosmin Wlles do Nascimento

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

DOCUMENTÁRIO: *O MUNDO FOI MINHA MÃE QUEM FEZ*

ANA LUÍZA REIS DE SÁ SANTOS
YASMIN DIAS DO NASCIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Áreas Acadêmicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Profº Ms. Guilherme de Castro Duarte
Martins

Coorientadora: Profª Ms. Naira Rosana Dias da
Silva

Goiás/GO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
de Goiás – Campus Cidade de Goiás

791.43

S237d

Santos, Ana Luíza Reis de Sá.

Documentário: o mundo foi minha mãe quem fez / Ana Luíza Reis de Sá Santos, Yasmin Dias do Nascimento; orientador, Guilherme de Castro Duarte Martins; coorientadora, Naira Rosana Dias da Silva – Cidade de Goiás, 2021.

31 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Curso Bacharelado em Cinema e Audiovisual.

1. Documentário. 2. Biografia. 3. Memórias. I. Nascimento, Yasmin Dias do. II. Martins, Guilherme de Castro Duarte, orientador. III. Silva, Naira Rosana da, coorientadora. IV. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. V. Título



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

Folha de Aprovação

ANA LUÍZA REIS DE SÁ SANTOS YASMIN DIAS DO NASCIMENTO

DOCUMENTÁRIO: O MUNDO FOI MINHA MÃE QUEM FEZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de bacharelado em Cinema e Audiovisual do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Projeto Experimental defendido e aprovado, em 04 de Janeiro de 2022, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Guilherme de Castro Duarte Martins Presidente da banca / Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. Ms. Naira Rosana Dias da Silva Coorientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. Ms Ms. Ádria Borges Figueira Cerqueira Membra

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. Ms. Mirna Kambeba Omágua-Yetê Anaquiri Membra

Goiânia, _____ de _____ de _____.

NOME
(assinado eletronicamente)
cARGO

Documento assinado eletronicamente por:

- **Adria Borges Figueira Cerqueira**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/02/2022 01:05:45.
- **Naira Rosana Dias da Silva**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 03/02/2022 22:10:30.
- **Mirna Kambeba Omágua Yetê Anaquiri**, MIRNA KAMBEBA OMÁGUA YETÊ ANAQUIRI - ESTUDANTE - UFG (01567601000143), em 02/02/2022 15:43:55.
- **Guilherme de Castro Duarte Martins**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 01/02/2022 22:22:42.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/02/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 241673

Código de Autenticação: 9c9d4f3668



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000
(62) 3371-9057 (ramal: 9057)

RESUMO

DOCUMENTÁRIO: O MUNDO FOI MINHA MÃE QUEM FEZ

A realização deste trabalho, teve como produto final o primeiro corte do documentário, que também é a primeira obra das co diretoras Ana Luíza Reis de Sá e Yasmin Nascimento, intitulado *O mundo foi minha mãe quem fez*, 15:01 minutos, Digital, realizado em 2021, em duas periferias distintas de Goiânia, Goiás. Foi construído conjuntamente a partir da ideia de ressoar as memórias e lembranças da maternidade de duas mulheres negras, em contextos distintos, mas que foram atravessadas pela maternidade solo nos anos 1990. O encontro dos objetivos da realização e as interseções da história, permitiu que esse documentário fosse realizado com as nossas mães. Elas que outrora lutaram para que as filhas pudessem acessar uma faculdade, puderam olhar para si como protagonistas de suas próprias vidas e enaltecer a força matriarcal. À partir das costuras de memória e afeto, ao longo de um ano construindo o pré-projeto, pudemos entregar esse trabalho audiovisual para ser avaliado como trabalho de conclusão de curso, e para além desta finalidade acreditamos e esperamos que o documentário “O mundo foi minha mãe quem fez possa continuar seu caminho em janelas de festivais de cinema e audiovisual pelo Brasil afora. Link para acessar o primeiro corte do documentário disponível no Youtube, não listado: <https://youtu.be/mTKW0yyOeWA>

Palavras Chaves: Documentário, mãe solo, maternidade, memória.

ABSTRACT

DOCUMENTARY: THE WORLD WAS MY MOTHER MADE

The realization of this work, had as its final product the first cut of the documentary, which is also the first work of the co-directors Ana Luíza Reis de Sá and Yasmin Nascimento, entitled The world was my mother who made, 15:01 minutes, Digital, made in 2021, in two different outskirts of Goiânia, Goiás. It was jointly built from the idea of resonating the memories of motherhood of two black women, in different contexts, but which were crossed by solo motherhood in the 1990s. objectives of the realization and the intersections of history, allowed this documentary to be made with our mothers. They who once fought so that their daughters could access a college, were able to look at themselves as protagonists of their own lives and praise the matriarchal strength. From the seams of memory and affection, over a year building the pre-project, we were able to deliver this audiovisual work to be evaluated as a course conclusion work, and in addition to this purpose we believe and hope that the documentary "The world was my mother who made it can continue her way in windows of film and audiovisual festivals throughout Brazil. Link to access the first cut of the documentary available on Youtube, unlisted: <https://youtu.be/mTKW0yyOeWA> .

Keywords: Documentary, single mother, motherhood, memory.

SUMÁRIO

1 TEMA.....	11
2 JUSTIFICATIVA.....	14
3 OBJETIVOS (GERAIS E ESPECÍFICOS).....	17
4 METODOLOGIA.....	18
5 ARGUMENTO.....	20
6 PROPOSTA DE DIREÇÃO.....	22
7 PLANO DE PRODUÇÃO COM ORÇAMENTO (VIABILIDADE TÉCNICA).....	24
8 CRONOGRAMA.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
ANEXO A - SUGESTÃO DE ESTRUTURA.....	29
ANEXO B – FOTOGRAFIAS.....	30
RELATÓRIO TÉCNICO- CIENTÍFICO - ANA LUÍZA REIS DE SÁ.....	35
RELATÓRIO TÉCNICO - CIENTÍFICO - YASMIN DIAS DO NASCIMENTO.....	38

1. TEMA

Considerando o cenário socioeconômico dos anos 1990 como fator determinante nas experiências pessoais vivenciadas até agora, trazemos a proposta de traduzir em formato de documentário, a discussão sobre como nossas mães conseguiram subverter a realidade e construir nossas histórias. Num mundo que até então, caminhava a passos lentos para tais conquistas e mudanças políticas, que transformaram, ainda que sutilmente, a maneira como se dá a valorização, o reconhecimento de mulheres negras e suas existências em determinados espaços, como o da universidade pública.

Através de depoimentos e imagens de arquivo, propõe-se reunir memórias e trazer à tona discussões sobre a caminhada de duas mulheres negras que passaram pelo processo da maternidade solo nos anos 1990 e sobre como algumas reflexões nos levaram a perceber as mudanças nos núcleos familiares durante transformações sociais, dentre elas a possibilidade da oralidade de comunidades tradicionais e a transmissão de saberes.

Temos a intenção de resguardar e perpetuar memórias de nossas mães, a partir de suas falas, histórias que anteriormente não tiveram a oportunidade de serem ouvidas ou registradas em algum formato audiovisual, simbolizando até mesmo uma herança ancestral matriarcal.

É sensível ao tema do filme toda a realidade que permeia a sua realização e a necessidade da mudança da narrativa de quem conta as histórias e no nosso caso, de quem filma e está sendo filmado, também é uma das principais motivações para a execução deste projeto de documentário. Para isso nos inspiramos em cineastas negras e negros pioneiros, como Zózimo Bulbul, Adélia Sampaio e em cineastas que estão tendo visibilidade no Cinema Negro contemporâneo, dentre elas Yasmin Thayná, diretora de *Fartura*, seu último documentário que chegou a ser finalista do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro 2020; Renata Martins, diretora de *Sem Asas*, vencedor na categoria melhor curta-metragem de ficção do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro 2020 e Viviane Ferreira, diretora de *O dia de Jerusa* e também presidente da Associação dos Profissionais do Audiovisual Negro (APAN).

Personagens

Eni Reis de Sá, mulher negra, nasceu em 1948 na zona rural de Uruceres-Goiás. Mais velha de três irmãs, desde cedo teve que ser forte e resiliente. Ajudava sua mãe, Joana Gomes

de Sá, com afazeres domésticos dentro de casa e também dividia a responsabilidade em cuidar das duas irmãs mais novas. Aos 10 anos, Joana saiu de casa e deixou as filhas com seu companheiro e pai delas, Manoel Francisco de Sá. Manoel entregou cada uma de suas filhas a uma “determinada família” em Goiânia, separando-as. Eni morou durante dos 13 aos 27 anos nesta casa, onde era considerada “criada”.

Depois que saiu da casa dessa família, cursou corte e costura e iniciou sua vida e sua independência como costureira. Estudou até a 8ª série pois não foi possível continuar os estudos e conciliá-lo com trabalho, já que na época ainda estava cuidando do seu pai Manoel, que estava adoentado. Seguiu como costureira autônoma, costurando em sua própria casa e por vezes também a domicílio na casa de suas clientes. Continuou nessa jornada, até que em 1992 mudou para Porto Seguro-Bahia, onde trabalhava organizando e limpando casas de temporada. Retornou para Goiânia em 1995 e aos 48 anos de idade descobre a gravidez de sua filha Ana Luíza, em um momento que estava totalmente desamparada e desempregada. Esteve mãe solo durante toda a criação de sua filha, vivenciando as dificuldades de ser mãe, negra e solo durante sua maternidade. Lutou para que Ana Luíza terminasse os estudos e entrasse em uma universidade pública. Hoje, Eni é avó de Ayrá, seu neto de 1 ano de idade e ainda continua incentivando sua filha a terminar seu curso, mesmo com a intercorrência da maternidade.

Daniela Dias de Oliveira, nascida em 1977 em Goiânia, teve uma infância cercada de circunstâncias inerentes à discussão que queremos elucidar na realização do documentário. Filha de pais separados, ela atravessou caminhos dos quais ela guarda lembranças boas e marcantes. Se mudou da sua cidade natal para Inhumas-Goiás, onde a sua mãe conseguiu um emprego em uma plantação de alho. Depois de um tempo retornou a Goiânia e começou a trabalhar como empregada doméstica dos seus 12 anos até os dezoito, quando engravidou de sua filha. Em meio à reações diversas, se viu com a necessidade de uma rede de apoio para auxiliar na sua demanda de trabalho associada aos estudos que ela decidiu continuar, até o ano de 1999 no Instituto de Educação de Goiás, onde obteve formação em Magistério, conseguiu empregos terceirizados em multinacionais até que conseguiu iniciar sua graduação em uma faculdade particular, no curso Administração em 2006, sendo bolsista desde o primeiro ano até a sua conclusão em 2009. Ela conta que o período foi marcado por abdições tanto de tempo quanto de conforto, indo a pé do trabalho para a faculdade para economizar e conseguir auxiliar a sua mãe. Ela sempre foi uma mulher dedicada e tem como seu passatempo favorito

assistir filmes, desde a época do VHS em que seus amigos se reuniam para assistir filmes, essas memórias também permeiam as lembranças de sua filha.

O filme

O filme será construído através da inserção de informações e afetos sobre a vida das personagens, buscadas através de memórias criadas ao longo do tempo como fotografias, imagens de documentos, imagens de arquivo e entrevistas que serão feitas a partir dos encontros com as diretoras e suas mães, onde irão tratar de assuntos sensíveis ao tema, para que se dê a construção da narrativa e dos dispositivos que serão criados entre mãe-filha.

O documentário também será construído a partir da observação e coleta de imagens e sons do cotidiano atual dessas duas mulheres, cada uma vivenciando sua rotina, seguindo suas vidas, afazeres, trabalho e lazer. A ideia é captar, com câmera, tripé e um gravador de áudio portátil, a intimidade desse cotidiano, a luz filtrada pela cortina entrando na sala ao cair da tarde, a paisagem sonora da vizinhança de cada uma delas. Pretendemos marcar os espaços dessas casas, como os espaços da memória, repetindo alguns enquadramentos ao longo dos dias, permitindo que o espectador torne-se íntimo das personagens, seus lares, suas histórias e subjetividades. Conforme essa intimidade for atingida, pretendemos misturar, através da montagem, esses dois espaços e suas personagens, encontrando pontos de convergência em suas vivências, permitindo que elas reverberem nas histórias de muitas outras mulheres negras e mães solo. Pretendemos encontrar rimas visuais e sonoras que juntamente com os cortes e a edição, consigamos ver as passagens de uma casa a outra, um gesto a outro, uma vida a outra.

Mesmo retratando nossas mães pretendemos realizar um filme em primeira pessoa, colocando nossa própria voz e história como força motriz dessa narrativa, permitindo que a figura do narrador se dilua e troque de lugar, passando de uma a outra, que nossas vozes ganhem novos timbres e ecoem histórias de muitos outros cantos.

2. JUSTIFICATIVA

A realização deste trabalho, tendo como produto final um documentário traduz a importância de trazer a obra inaugural de nossa trajetória, assinando co-direção do projeto “*O mundo foi minha mãe quem fez*”. Esta obra revelará impactos reais, não somente nas contadoras desta história, somará também para a história do Cinema Negro¹ colocando as personagens em primeira pessoa, construindo suas próprias narrativas, trazendo visibilidade para mulheres negras que outrora, não puderam ser as próprias interlocutoras/narradoras de suas histórias. Para nós, ouvir nossas mães é um ato de revolução e poder trazer suas subjetividades na construção deste trabalho de conclusão de curso, é uma forma também de apresentá-las com algo concreto, resultado dessa formação a qual nos encorajamos a enfrentar vindo estudar em 2016 no recém inaugurado Bacharelado em Cinema, no IFG, em uma cidade do interior de Goiás. Vale lembrar que,

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo (CARNEIRO, 2011).

A escolha da realização do documentário partiu da possibilidade de revelar as histórias de duas mulheres negras e mães solo, também pelo nosso encontro enquanto realizadoras e nossas trajetórias acadêmicas no curso Cinema e Audiovisual e a possibilidade de ecoar as vozes de nossas mães no mundo. As categorias de raça, gênero e classe são perspectivas interseccionais² que irão pautar a estrutura do projeto, assim como sua execução, quem são as autoras e como isso difere na produção é o recorte. A necessidade de conciliar alguma fonte de renda com o período de formação nos levaram a enfrentar dificuldades que transformam a graduação em resistência e seus desdobramentos são significativos não só no âmbito pessoal e profissional como também em comunidade, onde nossas mães foram/estão inseridas, os espaços que foram negados a elas anteriormente, que são resultados dos desdobramentos

¹ “O cinema negro é um projeto em construção no Brasil. Tal projeto tem na busca por autonomia da representação das culturas negras no campo das imagens sua principal missão, tendo para isto que lidar com obstáculos em todas as esferas da produção audiovisual.” (OLIVEIRA, Janaína. 2018, p.1).

² “Demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras.” (AKOTIRENE, Carla. 2018)

estruturais da colonização externa que moldam a realidade de pessoas negras até os dias atuais. Tendo em mente a construção de um documentário social, que se apresenta com funções sociais entendemos que:

No amplo domínio do audiovisual, é no documentário, principalmente, que os realizadores interessados nas questões e políticas identitárias encontram um espaço estratégico para tornar cada vez mais visíveis suas pautas, de forma direta e indireta (NICHOLS, 2005).

Devemos ressaltar a importância de assumir toda a produção técnica e criativa do documentário neste momento de pandemia, ressignificando também as condições dadas na conjuntura atual, construindo uma realização completamente independente, enfrentando também as estruturas tradicionais do modo de se fazer Cinema no Brasil, mais especificamente no estado de Goiás.

Dados do infográfico realizado em 2014 pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMAA), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), demonstraram que dentre os filmes de maior bilheteria no país entre 2002 e 2012, 84% dos diretores são do gênero masculino e brancos, 13% dos diretores são do gênero feminino de cor branca e 2% dos diretores são do gênero masculino e negros, não houve nenhuma diretora negra e o número foi nulo também para roteiristas negras. Em relação ao total de atores e atrizes no elenco principal, houveram 14% de homens negros e apenas 4% de mulheres negras.

A disciplina optativa Educação para as Relações Étnico-Raciais ofertada durante o curso e ministrada pela professora Ádria Borges, foi fundamental para o reconhecimento do Cinema Negro como forma de resistência e expressão, para nós corpos negros em busca de representatividade, diante da falta de referências negras e indígenas na história do cinema europeu e norte americano. Este trabalho de conclusão de curso vem para reafirmar o poder de mulheres negras dirigindo e atuando, da nossa câmera ser nossa ferramenta de resistência e como nossa forma de olhar também pode ser instrumento de perpetuação da nossa história. Se fazer Cinema é uma questão de olhar, então devemos saber que

O “olhar” foi e é um lugar de resistência para o povo negro colonizado ao redor do globo. Os subordinados em relações de poder aprendem com a experiência que existe um olhar crítico, que “olha” para documentar, que é opositivo. Na luta pela resistência, o poder do dominado para garantir o agenciamento ao reivindicar e cultivar a “consciência” politiza as

relações “do olhar” – aprende-se a olhar de um certo modo para resistir (HOOKS, 1992, p. 116).

A ideia da co-direção foi acolhida, por enfrentarmos uma pandemia, em um momento atípico, sendo necessário repensar as maneiras de se produzir o audiovisual, pensando em divisões possíveis para manter a segurança de uma equipe. Mesmo que esta já seja reduzida e levando em consideração todas as orientações esse modelo foi escolhido por tornar possível a realização do documentário e todos processos que envolvem a produção até a sua finalização, como encontros virtuais para a escrita do roteiro, desdobramentos durante a captação de imagens, uso de equipamentos e compartilhamento de arquivos para o processo de montagem do filme.

Além disso, nossas histórias possuem diversas intersecções, cruzam-se e potencializam-se mutuamente, da mesma maneira como gostaríamos que esse documentário se encontrasse e produzisse reverberações nas histórias de tantas outras mulheres negras no Brasil e no mundo. Por acreditarmos que, juntas, nossas histórias sejam mais fortes, adquirem ressonância, optamos por realizar em parceria de co-direção essa empreitada cinematográfica.

3. OBJETIVOS (geral e específicos)

Construir uma narrativa imagética e sonora documental a partir da oralidade de duas mães solo, trazendo à tona suas vivências e as memórias da infância de suas filhas, na construção de suas respectivas histórias, inserindo-as como contadoras e criadoras de suas próprias vidas, portanto, como protagonistas da narrativa fílmica .

Objetivos Específicos

- Construir um documentário experimental, considerando a realização do filme e a experiência das escolhas narrativas das co-diretoras;
- Os desdobramentos das suas respectivas trajetórias que se fundem na trajetória das autoras;
- Criar o perfil das personagens a partir dos encontros e de suas narrativas;
- Demonstrar a influência dos marcadores sociais como raça, classe e gênero;
- Contextualizar a conjuntura educacional pela qual essas mães atravessaram no final do século XX e início do século XXI;
- Olhares sobre a maternidade e o afeto no espaço-tempo divergente e suas confluências.

4. METODOLOGIA

O audiovisual como linguagem traduz uma busca pela representação e o documentário, em si, é capaz de ilustrar o movimento cotidiano, associando a narrativa visual com o uso de memórias como fotografias e objetos afetivos guardados ao longo dos anos. A essas memórias irão se somar camadas de entrevistas que guiarão a busca pela intersecção dessas histórias em uma observação poética e singular sobre o assunto proposto. Além das entrevistas e da arqueologia da memória através de objetos do passado, histórias contadas, fotografias e cartas, iremos filmar, como crônicas do cotidiano, um pouco do dia a dia de Eni e Daniela em seus espaços domésticos.

Entendemos também o documentário proposto como autobiográfico, por ser um tema tão próximo as diretoras e a possibilidade de usar a narrativa como pesquisa, como elucida Ana Paula Sahagoff:

A escrita autobiográfica é uma maneira de escrever sobre o contexto de uma vida, pode ser uma história sobre um breve instante de um evento particular. A autobiografia é sempre uma representação, um recontar, uma reconstrução particular da narrativa de um determinado sujeito (SAHAGOFF, 2015, p. 3).

Pensando também sobre os tipos de documentário que são apresentados em *Introdução ao Documentário* (Nichols, 2005), consideramos que o filme poderá ser performático e também poético. Sabendo que essas escolas podem se misturar e compor um filme onde exista potência e afeto negro no feminino, realizaremos um tipo de filme que revela as subjetividades, como pontua Nichols: “Os filmes performáticos dão ainda mais ênfase às características subjetivas da experiência e da memória, que se afastam do relato objetivo.”(Nichols, 2005, p. 170).

As imagens serão captadas basicamente em ambientes internos, mais especificamente na casa em que as personagens residem atualmente. As entrevistas que serão filmadas também vão fazer parte do filme, seja através utilização de voz over para se sobrepor a outras imagens, seja através das próprias entrevistas.

Iremos priorizar o espaço doméstico de cada uma das personagens porque acreditamos que essa escolha contribua com a natureza intimista do documentário, assim, trataremos a casa como local onde se dão as relações e a convivência entre as personagens, cada uma com a sua peculiaridade, suas identidades singulares e onde se encontram seus objetos pessoais

que podem servir como dispositivo disparador desse diálogo necessário para a construção da narrativa do filme. Por outro lado, como estamos vivendo uma pandemia e não sabemos por quanto tempo isso irá durar, acreditamos que seja prudente e viável concentrar nossas gravações nos espaços domésticos. É possível que entrem no filme algumas imagens realizadas em locações externas, como por exemplo imagens familiares de Ayrá na natureza, mas elas serão raras e terão a função de trazer um certo alívio aos espaços internos predominantes.

Devido às circunstâncias atuais de pandemia, as discussões de pré-produção serão feitas a partir de encontros em plataforma online, onde acontecerão as discussões sobre a preparação do material (fotografias, objetos, imagens de arquivo etc.) e discussões acerca da produção de imagens e como será a estrutura e a pauta das entrevistas. Ao longo da captação, pretendemos manter uma discussão constante e encontros online para abordar o que está sendo captado, sobre os planos utilizados e em como a narrativa vai trazer nossos pontos de vista, mas com uma ideia dinâmica de realização em regime de co-direção à distância, e posteriormente sobre o ritmo da narrativa nos encontros destinados à definição da finalização junto às devolutivas do orientador. Sabemos que esse método de realização à distância é novo para nós, no entanto, devemos ser capazes de produzir dessa maneira caso desejemos manter vivo o fazer audiovisual mesmo durante um momento de pandemia.

Realizaremos o filme com nossos próprios equipamentos que temos disponíveis no momento, que são: duas câmeras digitais DSLR, duas lentes 50mm, duas lentes 18-55mm, dois tripés e um microfone direcional.

5. ARGUMENTO

Sinopse

Eni e Daniela são duas mães negras, que vivenciaram a maternidade solo durante os anos 1990. O documentário escutará essas duas mulheres contarem sobre suas trajetórias e desafios para construir a vida-mundo de suas filhas, num tempo onde as políticas públicas estavam em construção.

No ano de 2020, no meio de uma pandemia, duas mulheres negras, Ana Luiza Reis de Sá e Yasmin Nascimento, estudantes de Cinema e Audiovisual no Instituto Federal de Goiás, encontram-se à distância via chamada de vídeo. Na chamada conversam sobre o andamento do processo filmico ter mudado radicalmente após terem sido surpreendidas pelo vírus Covid19 e não poder gravar o documentário da forma que planejaram anteriormente, na qual Yasmin faria Direção de Fotografia e Ana Luíza assinaria a direção).

Vemos Eni e Daniela, cada uma em sua respectiva casa, folheando álbum de fotografias e conversando sobre as infâncias de suas filhas, dispositivo que irá conectar as duas nessa experiência filmica à distância, sendo a narrativa criada a partir de entrevistas contextualizadas.

Sugestão de Roteiro

Ana Luiza, mulher afroindígena, 24 anos, mãe de Ayrá de 1 ano, é filha de Dona Eni, 73 anos. Mulher negra, costureira autônoma e mãe solo. Imagens de arquivo de fotos na infância de Ana Luíza, aniversários, passeios, nas fotos apenas Dona Eni e sua filha Ana Luiza. Logo em seguida imagens da rotina de Ana Luiza e Ayrá que moram atualmente em Porto Seguro, Bahia, durante o período de pandemia e Isolamento Social. Ela o amamenta e logo em seguida inicia uma chamada de vídeo com a mãe, onde conversam sobre a saudade. Eni interage com o neto Ayrá. Imagens da casa de Eni, o ambiente da sala, o quarto, o lugar onde ela dorme e também costura. O som pode trazer áudios off de Eni contando sobre como teria sido difícil ser mãe solo durante toda criação de sua filha.

Enquanto isso, em Goiânia, Yasmin acompanha a rotina de Daniela, sua mãe, uma mulher negra, que trabalhou desde os 9 anos como empregada doméstica e aos 18 anos no ano de 1995, se viu obrigada a mudar sua rotina ao se tornar mãe solo.

Daniela fala sobre como foi a conciliação das suas vivências da maternidade naquela época e os desdobramentos psíquicos e materiais das dificuldades encontradas no percurso

até atualmente em um momento em que sua filha tem acesso à educação pública. As fotos de sua infância, as histórias das cidades em que viveu, lembranças do período em que conciliava o trabalho como recepcionista de caixa com a faculdade e a leitura da carta deixada pelo seu pai um ano depois do nascimento de sua filha também faz parte da narrativa e traz um aspecto importante nessa busca pela aproximação afetiva das memórias das personagens com as suas vivências.

6. PROPOSTA DE DIREÇÃO

Decidimos a partir das circunstâncias atuais do mundo pandêmico, o formato de co-direção, que consiste em uma direção conjunta do filme. As gravações ocorrerão em momentos distintos, cada realizadora em sua casa, com sua mãe, mas tendo como fundo comum a mesma proposta e alinhadas nas questões técnicas que envolve a produção do documentário. Sabemos que o filme pode nascer na montagem, pois somente os cortes poderão dar coesão a essas duas histórias, fazer com que elas ora se cruzem ora se separem, como fluxos de água num manancial. Optamos pela co-direção neste projeto porque acreditamos que as duas histórias têm muitas ressonâncias e que, juntas, podem se amplificar e com isso ressoar em outras histórias, de outras mulheres negras. Que ele reverbere em muitas pessoas que tiveram dificuldades, de toda uma geração que foi marcada pela falta de políticas públicas e também pelo preconceito racial.

A intenção do filme é exaltar as singularidades das duas mães a partir dos pontos em que suas histórias se encontram e através da poesia constituída nas rimas visuais que irão ser criadas na montagem do filme, entrelaçando o ambiente doméstico, que terá maior tempo de tela, permitindo que o espectador crie intimidade com as personagens e suas existências, transformando a experiência do relato.

A direção de fotografia será composta pelas próprias diretoras e será demarcada pelo uso de tripé, com a finalidade de demarcar os espaços internos das respectivas casas das personagens, utilizando, sempre que possível, luz natural. A câmera na mão poderá ser usada nos momentos de mais intimidade entre mães e filhas, inclusive no momento do registro das imagens de arquivos e objetos pessoais que estarão nas mãos das personagens.

Quando pensamos nas paisagens sonoras do ambiente domiciliar, pensamos além do que será mostrado nas imagens, podendo conter sons que ajudarão a descrever o cotidiano sonoro de cada lar, o espaço extracampo no qual as personagens existem. O foco com certeza é na oralidade, naquilo que as personagens Eni e Daniela vão dizer nas entrevistas, sendo então parte fundamental da realização a captação desse som direto com alta qualidade, de onde irá surgir a espinha dorsal do documentário.

Sobre a montagem do filme haverá várias possibilidades, considerando que a ilha de edição é o lugar onde o documentário será “costurado” e a decupagem ressignificada. Consideramos utilizar a montagem paralela no sentido de criar rimas de imagem e som que

permitam a transição de uma personagem a outra, de um ambiente doméstico ao outro sem perder o sentido da narrativa.

7. PLANO DE PRODUÇÃO COM ORÇAMENTO (VIABILIDADE TÉCNICA)

Devido às circunstâncias atuais em meio a uma situação de pandemia, ficou acordado entre nós, a não utilização de equipamentos disponibilizados pelo Núcleo de Produção Digital - NPD do Câmpus, sendo utilizado para a realização os equipamentos pessoais disponíveis, sendo eles: duas câmeras digitais DSLR, duas lentes 50mm, duas lentes 18-55mm, dois tripés e um microfone direcional. Tornando viável assim, a realização sem orçamento prévio. Porém, cogitamos a possibilidade de realizar um financiamento coletivo, no intuito de arrecadar fundos para adquirir equipamentos necessários e fundamentais para a construção da narrativa, no caso um gravador de som, um microfone direcional e cabo xlr.

8. CRONOGRAMA

	Ação	Especificação	Data
	Elaboração de Pré-projeto de produção audiovisual.	Iniciado no retorno das atividades de Ensino Remoto emergencial	17/09/2020 até 28/01/2021
	Processo de pesquisa de arquivos pessoais	Processo de pesquisa de arquivos pessoais, fotografias, em andamento desde o início do semestre, 2020/1	
	Encontros via chamada de via chamada de vídeo Ana Luíza e Yasmin	Debatendo a construção do Pré projeto de documentário experimental durante o Ensino Remoto Emergencial.	17/09/2020
	Reunião com orientador	Elaboração do pré projeto	22/01/2021
	Entrega do pré projeto a banca do NDE	Primeira Versão	29/01/2021
	Vaquinha virtual para comprar um gravador de som	Destinado a gravação do som do filme (confirmar se será realizada, ou não)	X
Pré Produção	Encontros via chamada de via chamada de vídeo Ana Luíza e Yasmin		
	Reunião com orientador		

	Reunião com co-orientadora	Sugestões roteiro	
	Definição do Cronograma de filmagens		12/10/2021
Produção	Início da realização do documentário.	Captação de imagem e som do filme.	09/11/2021
Pós- produção	Edição e finalização do documentário	Em processo até a data de entrega do primeiro corte à banca de TCC.	
	Entrega do primeiro corte e do relatório de filmagem.		14/12/2021
	Apresentação do filme para a banca.		04/01/2021

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?*. São Paulo: Ed. Letramento, 2018.

FERREIRA, Ceiza; SOUZA, Edileuza Penha de. (Formas de visibilidade e (re)existência no cinema de mulheres negras). In: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcanti (Orgs.). *Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro*. Campinas-SP: Papirus, 2017. p.175-186.

HOOKS, B. (The Oppositional Gaze: Black Female Spectators). In: *Black Looks: Race and Representation* (Boston: South End Press), 1992. p. 115-131.

LUSVARGHI, Luiza; SILVA, Camila Vieira da. *Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018*. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005.

CITAÇÃO DE FILMES

FARTURA. Direção: Yasmin Thayná. Rio de Janeiro, 2019. Documentário, 26 min.
Sinopse: A partir de imagens domésticas, a comida revela um modo de viver em comunidade.

SEM ASAS. Direção: Renata Martins. São Paulo, 2019. Ficção, 20 min.
Sinopse: Zu é um garoto negro de doze anos. Ele vai à mercearia comprar farinha de trigo para a sua mãe e, na volta pra casa, descobre que pode voar.

O DIA DE JERUSA. Direção: Viviane Ferreira. São Paulo, 2014. Ficção. 20 min.

CITAÇÃO DE SITES

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* in <https://www.geledes.org.br/>, 06/03/2011. Disponível em: [\[https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/\]](https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/). Acessado em: 05/10/2020.

CAMPOS, Luiz Augusto; RANGEL Candido, Marcia. *Raça e Gênero no Cinema Brasileiro (2002-2014)*. In: gema.iesp.uerj.br/. Disponível em: [\[http://gema.iesp.uerj.br/infografico/raca-e-genero-no-cinema-brasileiro-2002-2014/\]](http://gema.iesp.uerj.br/infografico/raca-e-genero-no-cinema-brasileiro-2002-2014/). Acessado em: 30/09/2020.

CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrivivência. *Leituras Brasileiras*. Disponível em: [\[https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY\]](https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY). Acessado em: 10/12/2020.

ESCREVIVÊNCIA. *Itaú Cultural*. Disponível em: [\[https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/#:~:text=Com%2\]](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/#:~:text=Com%2)

0base%20no%20que%20chama,condi%C3%A7%C3%A3o%20do%20afrodescendente%20no%20Brasil]. Acessado em: 10/12/2020.

FINALISTAS DO GRANDE PRÊMIO DO CINEMA BRASILEIRO 2020. *Academia Brasileira de*

Cinema.

Disponível

em:

[<http://gp2020.academiabrasileiradecinema.com.br/finalistas-gp2020/>].

Acessado

em

05/01/2021.

MORAIS, Maria Carolina. *O olhar opositivo – a espectadora negra, por bell hooks*. (tradução).

Disponível

em:

[<https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>]. Acessado em: 10/11/2020.

OLIVEIRA, Janaína. “Kbela” e “Cinzas”: o cinema negro no feminino do “Dogma Feijoada” aos dias de hoje. IFRJ / FICINE, Brasil, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/27618018/_Kbela_e_Cinzas_o_cinema_negro_no_feminino_do_Dogma_Feijoada_aos_dias_de_hoje]. Acessado em: 04/11/2020.

SAHAGOFF, A. P. C. *Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana*. In: XI SEPesq, 2015, Porto Alegre. XI SEPesq, 2015. v. XI. Disponível em: [https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf]. Acessado em: 17/01/2021.

STUBBE, Larissa. *Cineastas negras brasileiras que você precisa conhecer*. In <https://institutodecinema.com.br/>.

Disponível

em:

[<https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cineastas-negras-brasileiras-que-voce-precisa-conhecer>]. Acessado em: 28/10/2020.

TOSTE, Verônica; RANGEL CANDIDO, Marcia. *A Cara do Cinema Nacional: O Brasil das telas de cinema é um país branco* in <http://gema.iesp.uerj.br/>. Disponível em: [<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/#:~:text=No%20cinema%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20diferente,%C3%A9%20um%20pa%C3%ADs%20predominantemente%20branco>]. Acessado em: 30/09/2020.

Anexo A- SUGESTÃO DE ESTRUTURA

Roteiro : O mundo foi minha mãe quem fez.

Imagem	Áudio
Fotografias da infância de Ana Luíza e sua mãe em aniversário.	Over: entrevistas com Eni.
Fotografias da infância de Yasmin e sua mãe Daniela.	Over : Entrevistas com Daniela
Ana Luíza e Eni conversam via rede social e Eni conversa com o bebê Ayrá.	Áudio conversa entre Ana Luíza, Eni e Ayrá.
Eni pisa no pedal da máquina, costurando uma roupa para o neto Ayrá.	Som de máquina de costura
Ana Luíza corta o cabelo de sua mãe.	Eni conta a primeira vez que foi ao cinema em Goiânia e conta que o cinema ainda era “preto e branco”

ANEXO B – Fotografias pessoais (serão apresentadas no documentário)



Eni e Ana Luíza, maio de 1997



Eni e Ana Luíza, maio de 1999



Eni em diversas fases de sua vida em fotografias em um álbum.



Daniela e primos ,Goiânia (1986).



Daniela e prima, Vila Pedroso, Goiânia (1993)



Daniela e Yasmin, outubro de 1996.



Daniela e Yasmin, outubro de 1996.

Caldas novas 19/4/96

Saudades:

Dida estou lhe escrevendo
para dizer que aqui
estou bem graças a Deus,
e dezo que abenço
esteja com saúde.
e gozando felicidade.

Eu recebi a carta
da Daniela e a sua
também.
Muito obrigado
Dida eu vou no
fim do mês. Dida
fala para o Alexandre
que eu estou indo
para Angola no mês
de maio. Termine com
muita saudade
quando um abraço para
os meus da gele de gelado
OSSO.

Termine com abraços
pa você, Daniela e
dentão.

Feliz páscoa!
Jaime de Oliveira

Carta de Jaime de Oliveira (pai de Daniela), abril de 1996.



Daniela na formatura da conclusão do Magistério, dezembro de 1999.

Relatório Técnico-Científico

Realização do documentário: *O mundo foi minha mãe quem fez*

Ana Luíza Reis de Sá Santos

Gravar um documentário com nossas mães em plena pandemia foi um trabalho desafiador. Nos propusemos fazer um encontro de duas mulheres negras de idades distintas, que se tornaram mães nos anos 1990; acompanhando-as dentro de suas casas, cada uma em suas rotinas individuais, ouvi-las contar sobre suas vivências. Um documentário subjetivo, doméstico, que usa como dispositivo disparador arquivos fotográficos, (da minha infância junto de minha mãe Eni e também da infância de Yasmin junto a Daniela) outro recurso que usamos e dá apoio também para a construção da narrativa foram os objetos pessoais, trazendo à tona as memórias de resistência das famílias pretas envolvidas no filme. Uma enorme responsabilidade também, foi criar em conjunto essa história tão íntima, mas que merece ser ressoada e avaliada como trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Cinema e Audiovisual.

Gostaria de ressaltar que o corte que estamos entregando é um corte provisório, percebemos que a realização de um documentário precisa de um tempo maior para sua execução e finalização. Após a apresentação deste primeiro corte à banca, vamos poder finalizá-lo da melhor forma possível, almejando inclusive poder enviá-lo para diversas janelas, como festivais e mostras nacionais que irão acontecer em 2022.

O objetivo que tínhamos no pré projeto foi atingido, escutar nossas mães, suas vivências maternas e desafios do que foi ser mãe solo, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, a falta de rede de apoio do maternar. E agora após a realização do projeto, vejo que superou todas minhas expectativas, pois pude presenciar momentos emocionantes durante a costura dessas narrativas. O amor que fluiu durante as gravações, a avó da Yasmin, Dona Diva que esteve presente e foi de suma importância seus relatos, também no lugar de mãe negra e solo. O encontro de Eni e Daniela, dentro do IEG (Instituto Educacional de Goiás) também foi uma surpresa. Tive grandes aprendizados também dentro do set de filmagem do documentário. Vou relatar a seguir um pouco da minha experiência em cada dia de filmagem.

O primeiro dia de gravação aconteceu na casa da Dona Eni, no Jardim do Cerrado 7,

bairro na região noroeste de Goiânia. Cheguei mais cedo para passar o dia com ela, senti que minha mãe precisava desse momento comigo antes da gravação e digo sobre cuidados estéticos mesmo, gosto de aproveitar um tempo de qualidade com minha mãe. Quando cheguei, ela estava um pouco ansiosa com a filmagem e após os cuidados que tivemos ela olhou para mim e disse que estava tranquila para ficar na frente das câmeras, que estava se sentindo muito atriz e riu. Depois desse momento percebi que iria ficar tudo bem.

Nesse dia combinamos de começar a gravação no fim do dia, Yasmin e Naira (nossa coordenadora) chegaram por volta das 16 horas. Naira pôde nos auxiliar com seus equipamentos, algo que não estava previsto em nosso pré projeto, mas que somou muito para esse dia de filmagem. Eu e Yasmin não tínhamos nos programado para uma noturna, pois não temos equipamentos de luz, mas a Naira levou para gente suas luzes e o rebatedor e deu muito certo. Usamos também a câmera dela, uma Sony com lente 24-70mm e o gravador Zoom H6. Nos outros dias de filmagem usamos o equipamento de som Zoom H4N Pro, emprestado pelo nosso professor e orientador Guilherme Martins. Captamos Dona Eni contando as histórias que surgiram a partir do momento que nos mostrou as fotografias de família e as roupas e sapatos da minha infância. Apenas nesse dia conseguimos usar a claquete.

Na segunda diária de gravação fui para casa da minha mãe continuar as gravações e dessa vez levei meu filho, Ayrá de 2 anos. Já havíamos previsto a participação dele, mas a execução foi bastante complexa para conciliar a gravação com uma criança querendo mexer em tudo (vide uma fala importante da minha mãe que ele mexeu no tripé da câmera). Foi uma escolha fundamental pois até mesmo Dona Eni queria costurar com o neto no colo. Outro desafio que vivenciei nas gravações na casa de minha mãe foi o tamanho da casa. Como estava usando uma lente 50mm, a busca pelos melhores enquadramentos teve que ser muito cautelosa, mas fui acompanhando-a o mais perto possível. Nesse dia também eu estava na função da Captação de áudio, além da Direção de fotografia, por um instante coloquei o Gravador de som em um local que não era muito viável para o som da máquina de costura e tive que gravar um dia a mais com ela por causa disso. Nesse dia a mais que gravamos, captei também Dona Eni olhando o monóculo com a fotografia do diploma do seu curso de corte e costura, que ela não havia me mostrado anteriormente.

No terceiro dia de gravação fomos para casa da Daniela, na Vila Pedroso, região Leste de Goiânia. Tivemos o dia inteiro para gravar com Daniela. Nesse dia nos dividimos para captar com duas câmeras. Yasmin captou com a câmera na mão e eu estava operando a

câmera no tripé e também captando o áudio. A avó da Yasmin, Dona Diva chegou do trabalho enquanto estávamos gravando e foi uma grande surpresa o cumprimento de Daniela e Dona Diva e em seguida o pedido de “benção”. Pudemos gravar também as duas juntas, olhando as fotografias e as roupas de bebê da Yasmin. A paleta de cor desse dia de gravação não foi combinada, mas converge muito pro verde; a roupa da Daniela, o quintal com muitas plantas. E cada canto filmado da casa conta muito também das personagens que ali residem. Houve um pequeno desafio nesse dia que foi a mudança abrupta da luz natural por causa do tempo que estava nublado e também houve chuva.

No quarto e último dia de gravação planejamos ir para porta do antigo Colégio IEG (Instituto Educacional de Goiás), que desde 2019 é sede da SEDUC (Secretaria de Estado da Educação de Goiás). Tentei contato com o responsável pela comunicação da SEDUC desde outubro, mas não havia tido retorno, porém quando chegamos no sábado na entrada no sábado de manhã, conversamos com os seguranças e liguei para o Markley, que é responsável pela comunicação, e inesperadamente conseguimos a liberação. Eni e Daniela estudaram em momentos distintos no IEG e esse primeiro encontro das duas nesse local, despertou muitas lembranças e emoções.

Importante ressaltar que as gravações e todas funções no set foram atribuídas a ambas co-diretoras. Fizemos produção, produção executiva, direção, direção de fotografia, captação de som. A montagem foi feita por Luria Martins, nossa amiga e que também já passou pelo curso Cinema e Audiovisual, porém com curso trancado. Os enquadramentos também foram decisões coletivas, a não ser nos momentos que houve câmera na mão, que foi conduzida majestosamente pela Yasmin.

Este projeto de TCC para mim, Ana Luíza, transpassou barreiras do fazer cinematográfico, participar da mise en scene, ser afetada diretamente pela escuta de minha mãe, imaginar a potência e ressonância das falas das duas matriarcas e que vão ressoar nas vivências de outras mães pretas e periféricas no Brasil adentro.

Relatório Técnico-Científico

Realização do documentário: *O mundo foi minha mãe quem fez*

Yasmin Dias do Nascimento

Iniciamos essa jornada com uma ideia em comum, homenagear ou como tratamos de “devolução” ao longo do desenvolvimento, que pode ser lido como homenagem, que engloba o que as personagens do filme representam para nós e como queremos que agora, cinematograficamente falando, gostaríamos que as mulheres negras fossem retratadas e representadas com toda a complexidade de suas existências e pensando nas espectadoras que se veem, que sentem, que olham pra uma tela que as perpassam. Estávamos sob “o risco do real” e realmente nos deparamos com muito mais camadas dessas personagens do que poderiam ser encaixadas em teorias. As entrevistas trouxeram a tona trejeitos novos de pessoas que conhecemos a vida inteira, histórias do passado desconhecidas por nós, as diretoras, idealizadoras, roteiristas e filhas e o mais importante: compreendemos a importância desse tipo de realização na vida dessas duas mulheres e o que de fato essa “devolutiva” irá trazer para a trajetória delas e da sua comunidade.

Os nossos sets tiveram que ser adiados por várias vezes porque estamos lidando com uma realidade de demandas que perduraram durante a formação, em que trabalho e trajetória acadêmica entram em conflito, mas que são mutuamente necessários.

Em sua totalidade, suas potências, suas sabedorias, é um anonimato grande, é a base da sociedade, o elo mais firme do que vemos todos os dias e porque não podemos vê-las onde procuramos entender mais da vida do que no cinema? Trazer a maneira como elas enxergam a maternidade, mesmo que em depoimentos pessoais com perspectivas pessoais, intuem a estruturação de rompimento de narrativas que tentamos combater no dia a dia, na rotina árdua de usar de ferramentas que certas vantagens sociais (porque aqui não creio que seja justo denominar privilégio), tentar deixar o mundo mais leve mesmo que as ferramentas de opressão perdurem.

A pré produção foi completamente remota, não nos encontramos e tivemos problemas pra nos encontrar porque durante a pandemia fiquei sem acesso a internet, Ana também tinha suas demandas da maternidade e quase sempre coincidiam com os nossos horários de reunião ou de aulas síncronas de orientação. Mas conseguimos estruturar o pré projeto e nos fizemos

entender após longas conversas sobre a importância de escolher realizar, para contar essa história juntas e descartar as nossas outras possibilidades, já que elas não contemplariam. Combinamos dos dias nos finais de semana em que nossas mães estariam livres, o que foi bem complicado conciliar porque todas as envolvidas nos filmes tivemos demandas e assim tivemos que adiar várias etapas do filme, um ponto importante de ressaltar nessa nossa maneira de fazer filmes sem recursos é justamente as demandas de trabalho e como isso nos afasta de compreender melhor o processo de pré produção do filme.

Para realizar utilizamos nossos equipamentos (duas câmeras DSLR e lentes 50 mm), especificadas no pré projeto e recorremos também a empréstimos de equipamento e de recursos. O orçamento e o cronograma já foram entregues prevendo essas condições e imaginamos que poderíamos gravar a distância para nos mantermos seguras e manter as nossas mães seguras também, mas depois de muito adiar a realização e com a chegada das vacinas resolvemos nos juntar para executar funções diversas que seriam necessárias.

Escolhemos o IEG para ser o lugar de conexão entre as duas histórias, porque durante a pesquisa para a construção do roteiro descobrimos que as duas haviam passado pela instituição em momentos diferentes e que ilustraria o que queríamos, foi o último lugar que visitamos para captar imagens e passamos por uma série de dificuldades para acesso ao prédio por falhas de comunicação, problemas arrastados de uma , mas a catarse depois da dificuldade se fundiu ao orgulho das nossas mães de ver que podemos adentrar espaços para moldá los à nossa narrativa, e elas se divertiram juntas e nós nos divertimos também seguindo elas pelo prédio que foi parte importante dessa trajetória que tentamos ilustrar no filme.

Existe um mural no saguão do prédio que hoje é a SEDUC que retrata a alfabetização, retrata pessoas brancas com roupas de gala em uma sala de aula ao ar livre e ao lado direto do mural as fotografias dos secretários da educação dos mais antigos ao atual. Para elas as lembranças de regozijo de lembrar do pátio da escola, dos intervalos, dos eventos e a comparação das épocas e diferentes uniformes e disposição das salas, para mim a sombra que paira nesta época do movimento de ocupações e a luta para que o Instituto de Educacao de Goias continuasse a ser uma escola.

Terminamos com os olhos cheios de lágrimas pela potência desse encontro que era apenas uma possibilidade e pela consciência de que havíamos realizado a nossa proposta (e de lá mesmo fui correndo bater meu ponto).